

## PERSPECTIVA LONGITUDINAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

## LONGITUDINAL PERSPECTIVE OF RESEARCH IN EDUCATION IN BRAZIL

GIRALDI, Luciana Ponce Bellido  
luluponce@gmail.com  
Estágio Pós-Doutoral Fundação Carlos Chagas - FCC

SIGOLO, Sílvia Regina Ricco Lucato  
sigolo@fclar.unesp.br  
UNESP/Araraquara - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

**RESUMO** Este texto teve como objetivo identificar e analisar aspectos metodológicos de estudos longitudinais desenvolvidos em educação no Brasil. Para isso foram sistematizadas revisões bibliográficas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Periódico da Capes, na base de dados Pathernon e no Scielo, onde houve a busca por artigos. Os descritores utilizados foram: estudo longitudinal e estudos longitudinais, entre os anos 1999 e 2014. Foram analisadas dezessete produções. Fizeram parte deste artigo as recorrências e lacunas nos estudos localizados com este perfil, assim como foi problematizado o tempo a ser considerado entre coletas de dados e alguns conceitos sobre pesquisas longitudinais, trazendo a questão do termo longitudinal, como um conceito ampliado.

**Palavras-Chave:** Pesquisa longitudinal em educação no Brasil; Metodologia de pesquisa; Estudo qualitativo.

**ABSTRACT** The aim of this paper was identify and analyse methodological aspects of longitudinal studies developed in education in Brazil. For these literature reviews were systematized in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations, in Journal of Capes, on the basis of data Parthenon and in Scielo, where there was a search for articles. The descriptors used were: longitudinal studies and longitudinal study between 1999 and 2014. Seventeen studies were analysed. It became possible to see that the research found exhibited was centrally located in Early Childhood Education and Elementary Education, thus it can be said that there are gaps longitudinal information on Secondary and Higher Education in Brazil. Showed to be more usual among longitudinal studies analysed, the data collection be organized between two to three years of monitoring, and the questionnaire instrument to collect data most recurrent in the works analysed. They were part of this article questions about time to consider between data collection and some concepts of longitudinal research, it bringing the issue of term longitudinal, as a wider definition.

**Keywords:** Longitudinal Research in Education in Brazil; Methodology's Research; Qualitative Study.

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto foi pensado a partir do exame de qualificação de uma pesquisa de doutoramento (GIRALDI, 2014). Como é recorrente nestas situações oficiais, pesquisadores foram convidados a avaliarem uma investigação, que naquele momento estava em processo de desenvolvimento, e questionaram se poderiam ou não chamar o estudo de longitudinal.

Até então a referida pesquisa não havia assumido um caráter longitudinal, porque se fazia presente algumas dúvidas sobre a acepção conceitual deste método, assim como faltava conhecer mais sobre o delineamento de outras investigações identificadas com este perfil. De tal modo, justifica-se que o presente artigo resultou de uma busca por outros estudos que se auto-identificavam como longitudinais no Brasil, assim como se preocupou em conhecer referenciais que estivessem atentos a definição de tal perspectiva.

Sendo assim, o objetivo deste texto foi o de identificar e analisar aspectos metodológicos postos em estudos organizados na área da educação<sup>1</sup> no Brasil, com base em uma perspectiva longitudinal.

Primeiramente, é preciso indicar que não se pretende, com este texto, trazer a perspectiva longitudinal como um item valorativo. Qualquer investigação precisa ter adequado os métodos de pesquisas ao objeto de estudo, logo, vale reafirmar a ligação deste artigo com uma tese de doutoramento (Giraldi, 2014), a qual problematizou trajetórias escolares, objeto de estudo que costuma perpassar a passagem do tempo e, por isto, demandou atenção a esta perspectiva.

Há ciência de que as pesquisas sobre trajetórias escolares, muitas vezes, retomam, retrospectivamente, as experiências escolares de sujeitos. (PORTES, 2001; SILVA, 1999; ZAGO, 2006; PIOTTO, 2007 e 2008). Conforme Hakim (1997), estas propostas se enquadrariam junto às investigações chamadas de *retrospectivas ou quase-longitudinais*, as quais tipicamente tomariam casos representativos.

---

<sup>1</sup> Justifica-se que a tese que originou e motivou este artigo foi proposta em programa de Pós-Graduação em Educação, Giraldi (2014).

Ruspini (2000) referenciou que os estudos *retrospectivos ou quase-longitudinais* podem ter coletas de dados organizadas com base em um *relativo curto espaço de tempo*, que corresponderia a semanas ou meses, e apresentam resultados adequados para apreender comportamentos ou eventos passados. Tais modelos de pesquisas foram definidos por Ruspini (2000) e Hakim (1997) como quase longitudinais, porque dependeriam do processo de retomada de fatos, atrelada, por exemplo, da memória de entrevistados e as emoções envolvidas.

Já os estudos *prospectivos ou longitudinais*, como expõe Hakim (1997) e Ruspini (2000), tem como foco o processo de mudança social, eles cobrem um período de tempo, dependente do objeto de pesquisa; com duas ou mais coletas de informações.

A questão da passagem do tempo, na pesquisa longitudinal, pode ser posta como um dos principais eixos de discussões sobre a sua composição. Durante o exame de qualificação do trabalho de doutoramento (Giraldi, 2014), que motivou este estudo, alguns membros da banca entenderam que seria necessário 10 anos de coleta de dados empíricos para chamar um estudo de longitudinal, já outros atribuíram ao estudo avaliado o caráter longitudinal, por ter coletado dados durante dois anos, em diferentes momentos. Entretanto, fica a pergunta: quantos anos seriam necessários, entre ou de coletas de dados, para poder chamar um estudo de longitudinal?

Tanto Hakim (1997) quanto Ruspini (2000) não estabelecem como regra um período mínimo de tempo entre ou de coletas de dados para considerar uma pesquisa como longitudinal. Elas relataram que dados longitudinais permitem reconhecer padrões ou mudanças de um período ao outro estudado. Logo, o tempo envolvido na construção de dados longitudinais seria dependente dos objetivos de cada investigação, o que determinaria o tipo de estudo a ser proposto e o perfil dos dados longitudinais construídos.

Ruspini (2000) apresenta distinções e indicações entre os estudos que envolvem a apreciação da passagem do tempo. Ela argumenta que longitudinal é um termo amplo, por isso diversos tipos de dados podem ser considerados como longitudinais, como por exemplo, repetidas coletas de dados *cross-sectional* e estudos prospectivos.

As pesquisas longitudinais que sistematizam dados chamados de *cross-sectional*, especialmente nas ciências sociais, costumam selecionar grupos de coorte, envolvendo parte de uma população que, por exemplo, esteve exposta a um conjunto geral de experiências, nascidos em um determinado ano ou cidade, e repetem procedimentos de coleta de dados, em geral questionários, em pelo menos mais de um momento sequente. Tais dados seriam utilizados para reconhecer determinados padrões de comportamentos. (RUSPINI, 2000).

Ainda conforme Ruspini (2000), para estudar mudanças ao longo do tempo, seria mais adequado o modelo prospectivo, neste caso, os estudos contariam com a passagem de um tempo mais expressivo, do que no caso do *cross-sectional sendo* necessário um número consistente de coletas de dados para permitir uma análise em profundidade.

As pesquisas prospectivas foram divididas em painel representativo, painéis de coorte, painéis vinculado.

Os painéis representativos costumam ser organizados com uma amostra aleatória dos entrevistados e recolhidas de dados repetidos em intervalos fixos (tipicamente de 2-3 meses a um ano). (RUSPINI, 2000).

Painéis de coorte podem ser considerados como uma forma específica de estudo de painel que leva diferentes gerações em conta. Pesquisadores selecionam um grupo de idade, ou algum subconjunto de um grupo de idade, e, em seguida, administram um questionário a uma amostra ou para todo o grupo. Assim, uma ou mais gerações são acompanhadas ao longo do seu percurso de vida. O interesse é geralmente no estudo da mudança a longo prazo e nos processos de desenvolvimento individuais: nesses estudos normalmente ocorre retorno ao campo de coleta de dados de cinco em cinco anos. Se, em cada geração, nomeadamente as mesmas pessoas são investigadas, uma coorte eleva-se a uma série de estudos de painéis; se, em cada geração, em cada período de observação, uma nova amostra é retirada, uma coorte consiste de uma série de estudos de tendência. (RUSPINI, 2000).

De forma ampliada, a pesquisa retrospectiva de painel seria definida por Hakim (1997) como aquela que acompanha sujeitos ao longo de um período de tempo com sucessivas coletas de informações.

Já por painéis vinculado dados são recolhidos principalmente para fins de Censo, seriam dados mais relacionados a um perfil administrativo.

De tal modo, haveria significativas diferenças entre os estudos longitudinais com dados obtidos com perfil *cross-sectional*, ou investigações prospectivas, as quais acompanham, por um período de tempo, determinados objetos, gerações ou sujeitos específicos.

De qualquer maneira, organizar estudos longitudinais não se mostra algo recorrente, afinal tais investigações, conforme Hakim (1997) contam com algumas limitações, as quais são identificadas pela dificuldade de sua realização, já que são conduzidos por vários anos, às vezes, requerem a manutenção de sujeitos, além do compromisso do pesquisador, por um período ampliado.

Apesar disso, há ciência sobre a necessidade de construção de informações com esse caráter. As principais contribuições trazidas pelos dados longitudinais seriam a análise da duração de eventos, reflexões sobre estabilidades e mudanças de um período a outro, a descrição de padrões, a identificação de efeitos a longo prazo e conexões entre eventos que são separados no tempo. (RUSPINI, 2000; HAKIM, 1997).

Payet (2005) e Abrantes (2005) concordaram que os dados empíricos de pesquisas, apesar de serem muitos, ainda são insuficientes para desenvolverem análises dos resultados da escolarização ao longo do tempo. Inclusive, Lahire (2001, p.264) afirmou que “[...] é muito difícil citar trabalhos que tivessem “observado” sistematicamente os mesmos autores em mais de duas cenas ou para além de dois tipos de situação social.”

Mesmo diante da constatação de haver uma lacuna no campo de saber no que se refere a obtenção de dados longitudinais em ciências sociais, especificamente no que se refere a educação escolar, somado às limitações e dificuldades inerentes ao estabelecimento de pesquisas com esse perfil, é válido dizer que algumas investigações foram e ainda são organizadas utilizando metodologias longitudinais.

Como exemplo disso, é possível citar o estudo desenvolvido por Girard e Bastide (1982) que almejou identificar fatores que influenciariam as desigualdades entre os indivíduos no decorrer das trajetórias escolares. Esta pesquisa foi considerada como a primeira a ser publicada com um caráter longitudinal, ao acompanhar por dez anos 17.500 alunos que terminaram os estudos elementares na França. Girard e Bastide (1982) se basearam em dados construídos ano a ano, com informações quantitativas respeitantes aos mesmos alunos, obtidas por meio de um inquérito.

Dentre estudos longitudinais realizados no Brasil, é possível citar Zago (2000) que acompanhou 56 sujeitos, distribuídos entre 16 famílias residentes na periferia de Florianópolis, que tinham em 1993/1994 filhos cursando o Ensino Fundamental e, posteriormente, em 1998, foi acompanhada a escolaridade desses mesmos sujeitos, independentemente dos resultados ou permanência na escola. Assim, o objetivo da pesquisa de Zago (2000) foi o de mostrar como se configurou a história escolar de crianças e jovens identificando mudanças, entraves e perspectivas.

No Brasil, pesquisas longitudinais são pouco recorrentes; não foram localizados textos de pesquisadores brasileiros que dedicassem a pensar sobre os conceitos de tal perspectiva, assim como não foram localizados grupos de estudos atentos a obtenção de dados com este perfil.

Apesar disso, é reconhecida a existência de alguns estudos longitudinais, sobre educação, no Brasil. Novamente é importante ressaltar que dados longitudinais por si não são valorativos apenas pelo seu caráter longitudinal, eles precisam ser propostos atrelados a objetivos que assim os requeiram.

## **2 METODOLOGIA**

Para identificar estudos longitudinais organizados no Brasil e, conseqüentemente, refletir na época sobre a metodologia da pesquisa de doutorado (Giraldi, 2014), foram sistematizadas revisões bibliográficas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Periódico da Capes, na base de dados Pathernon, que congregou artigos, teses e dissertações, e no Scielo, onde houve a busca por artigos.

Os descritores utilizados durante as buscas foram: estudo longitudinal<sup>2</sup> e estudos longitudinais, o que resultou em torno de 500 produções, sendo que algumas aparecerem repetidamente nos bancos de dados.

Inicialmente, todos os títulos e palavras-chave das pesquisas encontradas foram lidas. Neste caso, um critério utilizado para selecionar os materiais que seriam analisados foi o de manterem relação com a educação escolar básica<sup>3</sup>. Foram descartados os textos preocupados com aspectos específicos de áreas do saber, como os atrelados a Educação Física, Nutrição, Saúde ou análises de comportamento na Psicologia, acompanhamentos de bebês, transtornos emocionais ou acesso ao mercado de trabalho.

Não houve limitação com relação ao ano de busca, sendo encontrados textos publicados entre os anos de 1999 a 2014<sup>4</sup>. Sendo importante ressaltar que um critério empregado na seleção dos estudos localizados se baseou na descrição, pelos trabalhos, da metodologia empregada.

De tal forma, foram lidos e analisados dezessete textos, entre teses, dissertações e artigos. Assinala-se que não houve o objetivo de abarcar toda a produção na área, mas identificar algumas recorrências e particularidades presentes na organização de pesquisas identificadas como longitudinais, em bases de dados no Brasil.

A análise das produções encontradas se pautou em leituras recorrentes dos textos, seguidas de fichamentos dos mesmos, os quais foram lidos inúmeras vezes. As temáticas e características dos materiais localizados é que determinaram a sistematização dos eixos de análises aqui propostos. Logo, a partir de tais leituras chegou-se a duas categorias diferentes: 1. As pesquisas que organizaram

---

<sup>2</sup> Sempre que a base de dados disponibilizava refinadores de pesquisa foi acrescentado o item educação na tentativa de selecionar textos mais relacionados a este contexto. Mesmo assim muitos materiais foram encontrados sem relação alguma com a educação. Os descritores se restringiram a Língua Portuguesa.

<sup>3</sup> Justifica-se tal opção, devido a relação deste artigo com a tese de doutorado, Giraldi (2014), a qual foi organizada junto a escolas básicas. Além disso, havia um vínculo com um programa de educação escolar, outro motivo que direcionou a pesquisadora a se interessar pela educação básica.

<sup>4</sup> Inicialmente, as buscas nas bases de dados foram organizadas entre os anos até 2012, entretanto, após revisões deste artigo, considerou ser relevante atualizar as buscas, incluindo os anos de 2013 e 2014.

primariamente<sup>5</sup> dados longitudinais e, 2. As pesquisas que fizeram uso de dados coletados por outros estudos, dados secundários<sup>6</sup>.

Diante do exposto e para além dos critérios apresentados acima, eixos um e dois, optou-se por suborganizar a apresentação dos textos encontrados conforme o nível de ensino escolar sobre os quais se dedicaram a analisar, Educação Infantil e Ensino Fundamental. Esclarece-se que não foram localizados estudos longitudinais propostos ao longo do Ensino Médio ou Superior.

Relembrando que este artigo partiu de uma preocupação sobre os métodos de pesquisa longitudinais, esclarece-se que tanto entre as pesquisas identificadas no eixo um, com dados primários, quanto as do eixo dois, com dados obtidos por outros estudos, existiu uma atenção especial ao caráter de cada estudo, quantitativo e/ou qualitativo, assim como também foram considerados os objetivos, os instrumentos utilizados e o tempo de permanência em contato com os sujeitos.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 O delineamento de Estudos Longitudinais**

Neste momento, as pesquisas encontradas, por meio de buscas em bases de dados, serão apresentadas, fazendo-se presente a identificação de padrões e diferenciações entre os estudos. Reitera-se que não houve a pretensão de esgotar o assunto, nem afirmar que não existam outras pesquisas longitudinais na área da educação, mas é esperado analisar e perceber as indicações metodológicas que os estudos aqui encontrados trouxeram.

De tal modo, é possível afirmar, enquanto um padrão presente nas oito investigações localizadas, que organizaram dados longitudinais primários, que elas

---

<sup>5</sup> Por dados longitudinais primários compreende-se aqueles foram ao campo empírico e construíram dados, anteriormente não disponibilizados, os quais foram analisados por estes para atender aos objetivos de pesquisa.

<sup>6</sup> As pesquisas deste grupo serão referenciadas e apresentadas brevemente, pois o principal objetivo desta investigação foi refletir sobre as metodologias de pesquisas longitudinais e no caso deste grupo, não houve a organização em campo empírico de dados com este perfil. Foram agrupados aqui os estudos que utilizaram dados coletados e analisados por outras pesquisas, com propósitos distintos, que estão a disposição de interessados.

apresentaram uma proposta retrospectiva de painel, segundo conceito de HAKIM (1997).

Dentre os estudos encontrados, foi possível identificar que quatro deles tinham como problema de pesquisa a relação entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Outros quatro estudos estavam localizados, exclusivamente, em escolas do Ensino Fundamental.

Gardinal-Pizato (2010) e Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) desenvolveram seus respectivos estudos com base em instrumentos metodológicos oriundos do campo de saber da Psicologia, numa perspectiva quantitativa.

Na tese, organizada por Gardinal-Pizato (2010), houve o intuito de investigar o impacto da frequência na Educação Infantil para a adaptação de crianças ao Ensino Fundamental e verificar efeitos compensadores dessa frequência em diferenças observadas no início do terceiro ano deste nível de ensino. Para isso, a autora acompanhou 294 alunos que foram divididos em grupos: 1. Os que não frequentaram a Educação Infantil; 2. Os que foram atendidos por um ano neste nível de ensino e 3. Os que foram atendidos por dois anos. As crianças foram avaliadas em três etapas, durante o terceiro, quarto e quinto ano do Ensino Fundamental, sendo que os professores também participaram desses três momentos. Para isso foram utilizados diversos questionários. Vale ressaltar que esta pesquisa abrangeu somente os alunos em escolaridade regular, não incluindo em sua amostra dados sobre estudantes em atraso escolar.

No artigo de Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) o objetivo da pesquisa foi avaliar o desenvolvimento de crianças indicadas por professoras durante a Educação Infantil em dois grupos diferentes, aquelas que apresentavam problemas de comportamento (Grupo IPC) e aquelas que demonstravam comportamento socialmente habilidoso (Grupo ICSH)<sup>7</sup> quando tinham cinco anos e aos dez anos de idade. Participaram da pesquisa 48 professores e 62 crianças. Foram utilizados o questionário

---

<sup>7</sup> Embora este artigo tenha sido organizado com fundamentos do campo da psicologia, ele foi desenvolvido no contexto escolar e, por isso, foi incluído no processo de análise dos materiais encontrados por esta revisão.

de resposta Socialmente Habilidade para Professores e Escala Comportamental Infantil B.

Já as teses de Cruvinel (2010) e Marcondes (2012) partiram de uma abordagem qualitativa, com estudos de casos. Cruvinel (2010) se propôs a acompanhar o caminho que crianças percorreram na aprendizagem da leitura desde o último ano da Educação Infantil até meados do primeiro ano, no Ensino Fundamental. Participaram do estudo, inicialmente, 19 crianças na Educação Infantil, sendo possível manter cinco delas, no segundo momento deste mesmo estudo, durante o Ensino Fundamental; quando foram organizadas observações de aulas, análise documental, entrevistas e grupo focal com os alunos..

Marcondes (2012) objetivou compreender continuidades e discontinuidades na organização e nas práticas pedagógicas no momento da transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental de nove anos. Houve o acompanhamento de um grupo de treze crianças, sendo que também participaram do estudo os familiares destes alunos e os professores que ministraram aulas para eles, durante o período de acompanhamento. Foram realizadas observações do contexto escolar na Educação Infantil (um semestre) e no Ensino Fundamental (um ano). Houve a organização de entrevistas com os familiares e com dez professores ao final de cada ano letivo, além de acontecer também encontros com grupos pequenos de crianças, quando produziram desenhos temáticos, seguidos por conversa entre a pesquisadora e o grupo.

Tão-somente no contexto do Ensino Fundamental, Leal (1999) sistematizou uma pesquisa qualitativa, com estudos de caso. Ela acompanhou, por oito anos, a produção de textos de alunos, com níveis sociais distintos. Por meio desses textos, era almejado discutir os destinos escolares, analisar as condições de produção dos textos nas escolas e, fundamentado pelo paradigma indiciário, perceber as incorporações que os estudantes faziam nos registros escritos frente às realidades vivenciadas.

Como estratégia de coleta de dados, Leal (1999) relatou que iniciou a pesquisa nos anos de 1988 e 1989, momento no qual esses alunos cursavam a terceira e quarta série em uma única escola. Depois, quando foram para o Ensino Fundamental II, passaram a estudar em dez instituições, o que dificultou a continuidade do trabalho.

Entretanto, mesmo assim, era realizada uma coleta mensal dos textos em todas as instituições. O agrupamento dos materiais foi finalizado em 1995. No final desse período, foram analisadas as produções de oito estudantes oriundos de um meio social desfavorecido e de doze alunos de um meio social favorecido economicamente. Além disso, a pesquisadora considerou documentos e históricos escolares e realizou entrevistas com parte desses estudantes. Também houve a aplicação de um questionário com a finalidade de caracterizar o perfil social dos participantes da pesquisa.

Ainda junto ao Ensino Fundamental, Poli (2007) questionou como construir uma medida de avaliação em larga escala para interpretar, no decorrer de quatro anos, o desempenho de um determinado grupo de alunos do 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental com relação a aprendizagem de conteúdos matemáticos, buscando várias leituras dessa avaliação. Este projeto fez parte de uma parceria entre a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Exeter (Inglaterra) e ocorreu em um município junto a 12 escolas municipais e duas estaduais. Participaram inicialmente da pesquisa 1.200 alunos, os quais responderam a testes de desempenhos, organizados junto com os professores das turmas, durante quatro anos. Os estudantes que eram reprovados ou mudavam de escola deixavam de fazer parte da amostra. Houve também a aplicação de um questionário de caracterização social e pedagógica junto aos professores (24 sujeitos) e alunos (no final 324 responderam ao questionário) no último ano da pesquisa.

Com base em dados quantitativos e, com previsões de um segundo momento qualitativo, também localizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, Franco, Brooke e Alves (2008) relataram o desenho metodológico do “Estudo Longitudinal sobre qualidade e eficácia no Ensino Fundamental brasileiro”, o qual ficou conhecido como Geres.

Esclarece-se que o Geres se tratou de um estudo longitudinal de painel que pretendeu seguir o desempenho e o progresso de, inicialmente, 21.000 alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental de 2005 a 2008 em cinco cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Campinas e Campo Grande). Esta pesquisa

almejou conhecer características escolares que promovessem a eficácia escolar (progressos nas aprendizagens) e a equidade (diminuição da influência do contexto social do aluno), em análises controladas pelo nível socioeconômico. Por meio da aplicação de testes de desempenho em matemática e leitura, além de um questionário socioeconômico e pedagógico respondido por alunos, familiares, professores e diretores e o estabelecimento de estudos qualitativos de natureza exploratória, os quais ocorreram num segundo momento; almejaram descrever as ações despendidas pelas escolas para gerar mudanças nos desempenhos escolares com base em dimensões previamente estabelecidas pelo grupo de pesquisadores, uma com enfoque na gestão escolar e outra na prática de ensino. (FRANCO, BROOKE e ALVES, 2008).

Numa perspectiva aproximada, Alves (2006) iniciou a tese dela junto a alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Ela produziu um estudo piloto, iniciado antes do Geres, ao almejar medir o efeito-escola em sete estabelecimentos de ensino públicos localizados em Belo Horizonte, Minas Gerais. Os alunos dessas instituições, matriculados na quinta série, foram acompanhados durante dois anos e submetidos por três vezes a testes de língua portuguesa e matemática, além disso, os estudantes também responderam a um questionário contextual e foram realizadas entrevistas com professores e com os pais de 38 alunos, selecionados com base nos resultados dos testes. Conforme a referida autora, a maneira mais apropriada para identificar o efeito-escola seria por meio de dados longitudinais, pois a produção deles pode permitir mapear o impacto das escolas aos alunos e referenciar questões ligadas à aprendizagem, às políticas educacionais e às práticas pedagógicas.

Sendo assim, pontua-se que os temas que permearam as pesquisas localizadas foram distintos, não se fazendo presente, entre os estudos encontrados, objetivos e estratégias de coleta de dados que se repetissem ou que pudessem trazer contradições e recorrências aos dados expostos, exceção a isso nos estudos sobre efeito escola que partiram de uma mesma perspectiva de estudo. (FRANCO, BROOKE e ALVES, 2008; ALVES, 2006). Inclusive, para além destes casos, não existiu predominância entre os fundamentos teóricos empregados nas investigações.

Acrescenta-se que três pesquisas utilizaram dados quantitativos em suas análises, Gardinal-Pizato (2010), Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010), Poli (2007), três investigações partiram de um perfil qualitativo, Cruvinel (2010), Marcondes (2012) e Leal (1999), e duas utilizaram os dois métodos (FRANCO, BROOKE E ALVES, 2008; ALVES, 2006).

Os instrumentos de sistematização de dados foram: questionários, o que apareceu com mais recorrência, testes de desempenhos com alunos, entrevistas, observações de aulas, análise documental, grupo focal e produção textual.

Alguns instrumentos de coleta de dados foram empregados conjuntamente. Os questionários e testes de desempenhos foram agregados em pesquisas que se basearam em análises quantitativas. (GARDINAL-PIZATO, 2010; POLI, 2007; FRANCO, BROOKE e ALVES, 2008; ALVES, 2006). A pesquisa de Alves (2006) ainda fez uso de entrevistas. Este instrumento também foi empregado nas investigações de Cruvinel (2010), Marcondes (2012) e Leal (1999). Inclusive, Cruvinel (2010) e Marcondes (2012) optaram pela realização de entrevistas com observações de aulas, análise documental e grupos focais. Já Leal (1999), além das entrevistas, fez uso de análise documental, questionário para caracterização de alunos e propostas de produção textual. Somente Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) fizeram uso de apenas um tipo de instrumento de coleta de dados, os questionários.

De tal forma, é possível afirmar que as pesquisas encontradas pela revisão bibliográfica, que organizaram dados longitudinais primários, foram organizadas dentro do modelo de painel, segundo definição de Hakim (1997), ao acompanharem os mesmos sujeitos ao longo de um período de tempo. Alguns estudos fizeram isso no contexto da Educação Infantil em direção ao Ensino Fundamental, no caso, Gardinal-Pizato (2010) e Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) e utilizaram para isso instrumentos oriundos da psicologia. Já Cruvinel (2010) e Marcondes (2012) organizaram investigações qualitativas tendo por base estudos de casos. Esta metodologia (mesmo que com alguns instrumentos diferentes) também foi empregada por Leal (1999) restrito ao contexto do Ensino Fundamental. Localizados neste mesmo nível de ensino, Poli (2007) se preocupou com os processos avaliativos e Franco,

Brooke e Alves (2008) e Alves (2006) fixaram suas pesquisas na organização de dados longitudinais com o intuito de identificar escolas eficazes.

Vale ainda destacar que uma das características dos estudos prospectivos, em geral, anunciada por Hakim (1997) e Ruspini (2000) que se fez presente nos estudos descritos seria a retomada ao campo de coleta de dados mais de uma vez, variando conforme o objetivo e perspectiva de cada pesquisa, sem uma determinação *a priori* de um intervalo temporal que fosse capaz, isoladamente, de definir um estudo como longitudinal.

Pontua-se que a pesquisa de Leal (1999) foi que a que obteve informações por um tempo mais prolongado, foram oito anos de recolha de textos produzidos por estudantes, durante o processo escolar. Já Bolsoni-Silva, Marturano e Freiria (2010) realizaram duas coletas de dados, que contaram com a passagem de cinco anos entre o primeiro contato com os sujeitos e o segundo. Poli (2007) esteve em campo empírico por quatro anos consecutivos, assim também ocorreu com FRANCO, BROOKE E ALVES (2008).

Já Gardinal-Pizato (2010) organizou o estudo dela em três momentos sequentes. E, tanto a pesquisa de Marcondes (2012), quanto a de Cruvinel (2010), contaram com a passagem dos estudantes da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, por isso, construíram dados ao longo de dois anos, o mesmo tempo utilizado por Alves (2006), porém neste caso, a pesquisa foi organizada junto a estudantes do Ensino Fundamental II. Portanto, em nenhum caso houve o contato do pesquisador com os sujeitos por mais de oito anos, sendo mais usual entre os estudos, a coleta de dados ser organizada entre dois a três anos de acompanhamento, o que corrobora com as indicações de HAKIM (1997) e RUSPINI (2000).

Resumindo, os estudos encontrados apresentaram um modelo longitudinal de painel ao, sobretudo, acompanharem os mesmos sujeitos ao longo de um período de tempo. Inclusive, se localizaram centralmente na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, o que pressupõe lacunas mais amplas de informações longitudinais no Ensino Médio e Superior brasileiro, diferente das pesquisas retrospectivas que, em

diversos casos a atenção foi concentrada neste nível de ensino<sup>8</sup>. (PORTES, 2001; SILVA, 1999; PIOTTO, 2007 e 2008).

Junto ao grupo de estudos que utilizaram dados longitudinais organizados por outras pesquisas, principalmente com base em dados divulgados pelos estudos conhecidos como Geres, Franco, Brooke e Alves (2008), Brooke et al (2014), tornou-se válido citar o estudo de Saraiva (2009) que se propôs a analisar a relação entre o Projeto Político Pedagógico de uma escola e o nível de crescimento da aprendizagem dos alunos de escolas que participaram do referido projeto. Também foi localizada a pesquisa de Teixeira (2008) que se atentou aos resultados de três escolas que participaram do Geres e tiveram resultados diferenciados em Língua Portuguesa. Já Correa (2013) se preocupou com os efeitos da repetência no desempenho de estudantes que participaram do Geres entre 2005 e 2008. Costa (2011) teve o intuito de analisar dados longitudinais obtidos na pesquisa Geres a partir de um modelo de valor agregado. E Almeida (2009), que problematizou a influência do trabalho do professor em relação ao tipo de escola (ciclada e não-ciclada) e associou esse trabalho as variáveis de proficiência média em leitura e matemática e a variável nível socioeconômico.

Além disso, uma tese, Pereira (2006), e uma dissertação, Fonseca (2010), utilizaram dados impetrados por meio da pesquisa organizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para sopesar ações do Plano de Desenvolvimento da Educação<sup>9</sup>.

Inclusive, Stevão (2008) esteve preocupada com os instrumentos utilizados para construir dados longitudinais, principalmente no que se refere a organização de testes e modelos estáticos de análise (respectivamente).

Neste contexto, a maior parte destes estudos utilizaram dados divulgados pelo Projeto Geres; Stevão (2008), Teixeira (2008), Saraiva (2009), Almeida (2009), Costa

---

<sup>8</sup> Assinala-se que, neste caso, tais pesquisas tiveram em comum a preocupação com as trajetórias escolares.

<sup>9</sup> As pesquisas do INEP encontram-se disponíveis no seguinte endereço:  
[http://portal.inep.gov.br/estudos\\_pesquisas-edu\\_basica-default](http://portal.inep.gov.br/estudos_pesquisas-edu_basica-default)

(2011), Correa (2013) e em dois casos, Pereira (2006), e Fonseca (2010), fizeram uso dos dados de uma pesquisa longitudinal realizada pelo INEP.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste artigo consistiu em identificar e analisar aspectos metodológicos postos em estudos organizados na área da educação no Brasil, com base em uma perspectiva longitudinal.

Frente a isso, apreendeu-se que dentre as investigações localizadas, em revisões bibliográficas, os estudos longitudinais circunscritos foram organizados, sobretudo, dentro de um modelo de painel. Eles foram propostos junto a contextos escolares no nível Infantil e Fundamental.

Embora pesquisas tenham sido descritas e alguns padrões e distinções apreendidas, ainda parece ser viável afirmar que não seria recorrente a organização de estudos longitudinais em educação no Brasil.

De qualquer maneira, a quantidade de investigações longitudinais, publicadas entre os pesquisadores brasileiros, não seria o mais importante para refletir sobre o perfil de tais produções, afinal, dentre outros fatores que poderiam influir na quantidade de tais estudos, tem-se que pesquisas assim demandariam um tempo maior para ocorrer.

Além disso, dados longitudinais em si mesmos não significam qualidade quando distanciados dos objetivos de cada estudo, de um processo fundamento de revisão bibliográfica e coleta de dados empíricos e análises dos mesmos.

No entanto, entende-se que a construção de mais informações e análises que partam de investigações longitudinais são importantes, por considerar que tais dados poderiam contribuir para a compreensão de processos de mudanças sociais, com caráter dinâmico frente aos contextos escolares.

Em países, como Inglaterra, existe uma demanda por grandes estudos com este perfil, com o intuito de compor dados que proporcionem tentativas de compreensão de contextos escolares, para refletir sobre os melhores caminhos a serem seguidos pelas políticas públicas. Como exemplo disso, no caso, educacional é possível citar o Projeto

EPPE (Eficácia da educação pré-escolar e primária)<sup>10</sup>, desenvolvido com um conjunto de pesquisadores e condições que proporcionam um efetivo trabalho.

No Brasil parcerias entre Universidades e Governo ainda não são utilizadas para pensar sobre a construção de dados que possam impactar em políticas públicas. Além disso, com exceção ao Projeto Geres, as investigações costumam ser conduzidas por pesquisadores individualmente, sem a efetivação de parcerias, o que seria um dentre outros aspectos que dificultam a organização de dados com um perfil mais dinâmico.

Vale ressaltar que existe a compreensão de que as pesquisas longitudinais teriam um caráter imprescindível: contar com a passagem de muito tempo para construir dados, tempo este muitas vezes inexistente, diante dos curtos prazos dos pesquisadores que atuam em Universidades para entrega de seus relatórios ou para aqueles que fazem parte de cursos de Pós-Graduação, Mestrado de Doutorado.

Não parece ser crível banalizar o conceito de pesquisa longitudinal, no entanto, os estudos aqui descritos, assim como os referenciais teóricos postos demonstraram que não há um consenso com relação ao tempo que um investigador vai ao campo para obter dados empíricos, sendo assim é preciso (re)pensar a perspectiva longitudinal frente a uma noção ampliada do termo, como exposto por Ruspini (2000), pontuando como indispensável um processo de coleta de dados em profundidade, ético e que reconheça o perfil dinâmico dos dados entre períodos distintos. Algumas vezes tem-se a impressão que é feita uma coleta de dados, sem considerar que o pesquisador deixou o campo, mas o processo continua a ocorrer.

Por fim, mostra-se necessário (re)pensar instrumentos metodológicos que destaquem um caráter dinâmico para a construção de dados, sendo plausível agregar dados quantitativos a qualitativos, se dirigir ao campo em diferentes momentos, estar atento às mudanças e estabilidades ocorridas, assim como utilizar diferentes fontes de informações.

Fazendo uso das contribuições de Ruspini (2000), acredita-se que descobertas sobre processos de mudanças sociais podem ser mais efetivas quando pensadas frente

---

<sup>10</sup> Para mais informações ver TAGGART (2011).

a cuidadosos dados longitudinais. Dados dinâmicos seriam a base empírica necessária para um outro tipo de pensamento, também dinâmico, sobre os contextos escolares.

Frente a isso, este artigo fomenta e deixa em aberto a discussão que relaciona algumas pesquisas longitudinais, desenvolvidas em educação no Brasil, e referenciais que se dedicam a pensar em tais estudos em outros contextos, trazendo a questão do termo longitudinal, como um conceito ampliado.

### **LUCIANA PONCE BELLIDO GIRALDI**

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010). Participou do programa de doutorado sanduíche, com bolsa do CNPQ. Atualmente é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), cursa o doutorado em Educação Escolar (Unesp).

### **SILVIA REGINA RICCO LUCATO SIGOLO**

Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Educação Especial (Educação do Indivíduo Especial) pela Universidade Federal de São Carlos (1986) e doutorado em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

## **REFERÊNCIAS**

ABRANTES, Pedro. As transições entre ciclos de ensino: entre problema social e objecto sociológico. **Interacções**, nº 1, p.25-53, 2005.

ALMEIDA, Ivanete Bellucci Pires de. Análise do desempenho de escolas públicas cicladas e não-cicladas pertencentes ao Ensino Fundamental. 2009. 247 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga. Efeito-escola e fatores associados ao progresso acadêmico dos alunos entre o início da 5ª série e o fim da 6ª série do ensino fundamental: um estudo longitudinal em escolas públicas no município de Belo Horizonte – MG. 2006. 190 f. **Tese** (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

BOLSONI-SILVA, A. T., MARTURANO, E. M. & FREIRIA, L. R. B. Indicativos de Problemas de Comportamento e de Habilidades Sociais em Crianças: Um Estudo Longitudinal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 23, nº 3, p. 506-515, 2010.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BROOKE, Nigel; FERNANDES, Neimar da Silva; MIRANDA, Isabela Pagani Heringer de and SOARES, Tufi Machado. Modelagem do crescimento da aprendizagem nos anos iniciais com dados longitudinais da pesquisa GERES. **Educ. Pesqui.** [online]. 2014, vol.40, n.1, pp. 77-94. ISSN 1517-9702.

COSTA, Simone de Assis. O valor agregado em leitura como indicador de qualidade das escolas municipais de Belo Horizonte. 2011. 101 f. **Dissertação**. (Mestrado Acadêmico em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CORREA, Erisson. Efeito da repetência nos anos iniciais do Ensino Fundamental: um estudo longitudinal a partir do Geres. 2013. 124 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

CRUVINEL, Fabiana Rodrigues. A Leitura como Prática Cultural e o Processo de Escolarização: As Vozes das Crianças. 2010. 206 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

FRANCO, Creso; BROOKE, Nigel; ALVES, Fátima. **Estudo longitudinal sobre qualidade e equidade no ensino fundamental brasileiro**: GERES 2005. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 625-638, out./dez. 2008.

FONSECA, Izabel Costa da. Trajetórias escolares de pretos, pardos e brancos no ensino fundamental: um estudo longitudinal com dados coletados em escolas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste entre 1999 e 2003. 2010. 141 f. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

GARDINAL-PIZATO, Elaine Cristina. Um estudo longitudinal de trajetórias de desempenho escolar. 2010. 301 f. **Tese** (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - Universidade Estadual de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

GIRALDI, Luciana Ponce Bellido. Percepções sobre Trajetórias Escolares de Alunos do Ensino Fundamental: os Contextos, os Tempos e as Relações. 364 f. 2014. **Tese** (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

GIRARD, Alain e BASTIDE, Henri. Do fim dos estudos primários à entrada na vida profissional ou na Universidade, o percurso de uma coorte: de 1962 a 1972. In: GRÁCIO, Sérgio; MIRANDA, Sacuntela de; STOER, Stephen. **Sociologia da educação**

I: Antologia Funções da Escola e Reprodução Social. Livros Horizonte, Lisboa, 1982. p.21-45.

HAKIM, Catherine. **Research Design**: Strategies and Choices in the Design of Social Research. London and New York, Routledge, 1997.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural**: As molas da acção. Instituto Piaget, Lisboa, 2001.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Trajetória Escolar, texto escrito e classe social: um estudo longitudinal. 1999. 295 f. **Tese** (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1999.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato. Continuidades e descontinuidades na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental no contexto de nove anos de duração. 2012. 372 f. **Tese** (Doutorado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

PAYET, Jean-Paul. A escola e a modernidade: o risco da etnicidade, o desafio da pluralidade. **Análise social**, vol. XL (176), p.681-694, 2005.

PEREIRA, Danielle Ramos De Miranda. Fatores Associados ao Desempenho Escolar nas Disciplinas de Matemática e de Português no Ensino Fundamental: Uma Perspectiva Longitudinal. 2006. 104 f. **Tese** (Doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PIOTTO, Débora Cristina. As exceções e as suas regras: estudantes das camadas populares em uma Universidade Pública. 2007. 361 f. **Tese** (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Trajetórias escolares prolongadas nas camadas populares. **Cadernos de Pesquisa**, FCC, São Paulo, v. 38, n. 135, p. 701-727, 2008.

POLI, Ednéia Consolin. Estudo Longitudinal em Matemática: possibilidades e leitura de uma realidade do Ensino Fundamental. 2007. 274 f. **Tese** (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PORTES, Écio Antonio. Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UGMG: um estudo a partir de cinco casos. 2001. 267 f. **Tese** (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

RUSPINI, E. Longitudinal Research in the Social Sciences. **Social Research Update**, Issue 28 (Guildford: University of Surrey), 2000.

SARAIVA, Ana Maria Alves. A Relação entre o Projeto Pedagógico e a Aprendizagem dos Alunos em Escolas Participantes do Projeto Geres. 2009. 118 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Jailson de Souza e. —Por que uns e não outros?II: caminhada de estudantes da Maré para a universidade. 1999. 168 f. **Tese** (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

STEVÃO, Christiane Bellorio Gennari de Andrade. Teoria Da Resposta ao Item: Um estudo inicial dos dados GERES Campinas. 2008. 118 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

TAGGART, B. et al. O poder da pré-escola: evidencias de um estudo longitudinal na Inglaterra. **Cadernos de Pesquisa**, v.41, n.142, jan./abr. p. 68 – 99, 2011.

TEIXEIRA, Roberta Araujo. Espaços escolares e habilidades de leitura: um estudo em três escolas públicas municipais do Rio de Janeiro. 2008. 193 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VIANA, Maria José Braga. Disposições temporais de futuro e longevidade escolar em famílias populares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 195-215, jan./jun. 2009.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.17-43.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-2imagem37, 2006.